



José Gabriel Ávila *

No meio do Canal

Fazer o regresso da viagem Pico-Faial ao contrário permite apreciar a fisionomia arquitetónica da antiga capital do Distrito da Horta e recordar a importância política e administrativa que firmou a sua centralidade no Triângulo, em domínios cuja importância dificilmente perderá, seja no domínio da administração pública regional, seja no setor da saúde.

O movimento marítimo de passageiros entre as duas ilhas é a prova provada de que o mar é a estrada mais importante do arquipélago e os circuitos marítimos que a Atlanticoline efetua nos grupos Central e Ocidental respondem a fundadas necessidades económicas e sociais que ainda hoje existem.

Em tempos, houve a intenção de dinamizar o comércio interno inter-ilhas e dele se fez bandeira eleitoral. Infelizmente, essa proposta foi esquecida por quem detem o poder. Hoje, já nem se fala dessa importante vertente económica que serviria também para fortalecer os laços entre as ilhas e disponibilizar um meio alternativo a todos os açorianos.

Há algum tempo, foi afirmado que os “ferries” da Atlanticoline tinham registado uma ocupação muito elevada no transporte de viaturas. Interroguei-me se essa era uma afirmação credível, dado que, é voz corrente, que os dois barcos não satisfazem a crescente procura, face ao elevado preço cobrado pelas “rent-a-cars”.

No dia 14 do corrente, no barco das 15h00, desembarcamos na Madalena 10 viaturas (contei-as eu, e penso que não errei) e cerca de 160 passageiros.

Na época alta, se houvesse mais capacidade da embarcação, esse número seria, certamente, mais elevado e os passageiros que pretendiam viajar entre o Pico e São Jorge, não seriam impedidos de o fazer por falta de barco e de espaço.

O problema é discutido, com alguma paixão, na meia hora que separa a minha viagem entre a Horta e a Madalena, por quem conhece bem todos os constrangimentos dos “ferries” e a resposta que dão aos vários circuitos.

Não é difícil perceber que os dois equipamentos da Atlanticoline estão desadequados, presentemente às necessidades do transporte marítimo de pessoas e viaturas.

A velocidade é a mesma de há cinquenta anos, quando os Mestre Norberto Fontes, Jaime Feijó e José Medeiros, mesmo em tempo invernos, cumpriam em meia hora os horários entre a Madalena e a Horta ou vice-versa. Contornando os Ilhéus e rumando à Praia do Amoxarife, os saudosos timoneiros levavam os passageiros a bom porto, tentando não alagar quem viajava à pôpa para fugir ao enjoo.

As travessias de agora, embora com máquinas mais potentes e velozes mantêm a velocidade antiga, mesmo quando viajam até à Terceira, num circuito cansativo para passageiros e tripulação.

Quem percebeu bem o sistema de transportes de passageiros inter-ilhas foi o empresário Almeida pois começou por adquirir, em 2001 o barco rápido “Expresso do Triângulo” e dois anos depois, o “Expresso das Ilhas”, sempre com a preocupação da rapidez e do conforto.

“Ele sabia mais do que os que hoje administram o transporte marítimo de passageiros” - comentou um velho marinheiro, natural do Pico.

Aquela ilha tem dado à navegação de cabotagem gente competente. Alguns, conservam-se ainda “na Memória das Gentes”. Foram mestres audazes e competentes nos iates Santo Amaro, Ribeirense, Terra Alta, Espírito Santo que semanalmente ligaram Angra à Graciosa e ao Faial, parando nos pequenos portos de São Jorge, entre o Topo e Velas, e a norte ou a sul do Pico. Eles sim, contribuíram para o comércio interno, transportando animais, bens e produtos de necessidade que só se obtinham na Ilha Terceira. Angra do Heroísmo era, então, “a cidade”, pois abastecia o ex-distrito e também o norte da ilha do Pico.

A conversa no “Cruzeiro do Canal” alargou-se a outros temas tão comuns aos picoenses como as idas ao Hospital da Horta para um simples exame ou uma consulta de especialidade, que obriga as pessoas a perderem um dia de trabalho, quando quem devia atravessar o Canal eram os “doutores” e darem as consultas no Centro de Saúde da Madalena.

Este, porém, é um tema antigo gasto, mas não desgastado, pois o problema mantém-se e os governantes não o entendem nem o minimizam porque não sentem na pele o sacrifício de quem tem de ir à Horta porque desmentiu um pé, porque fez um corte mais profundo numa mão e o médico não tem experiência de suturar (já aconteceu comigo), ou por outras

maleitas mais ou menos graves que afetam os picoenses, mas quem tem um Hospital por perto não o sente.

Aqui, onde passo o verão, na Ponta leste da Ilha do Pico, na companhia de São Jorge e da Terceira, lá ao fundo, a cerca de 25 Kms das Lajes e 60 Kms do Centro de Saúde da Madalena, por onde transitam para o Hospital da Horta os doentes com sintomas mais complexos, aqui, a situação ainda mais se complica; o transporte de bombeiros demora a chegar e enquanto isso não acontece, implora-se a proteção divina e “seja o que Deus quiser”...

É perante esta injusta situação que questiono: por que não podem os picoenses e outros açorianos beneficiar com os novos equipamentos recentemente adquiridos para a realização de cirurgias pelo serviço de ortopedia do HDES, quando se sabe que na unidade hospitalar da zona a operação de fulano e de cicrano não correu bem e está na mesma ou pior...

Para haver justiça e equidade qualquer açoriano tem o direito e o dever de exigir cuidados de saúde competentes.

A saúde e a mobilidade são bens imprescindíveis ao desenvolvimento e à fixação das pessoas, sem os quais não há progresso.

A viagem terminou no Porto da Madalena onde a marinhagem colocou as bagagens de quem viajara entre Lisboa e Horta. Sim porque, o aeroporto do Pico, nesse dia, não recebeu avião do continente, enquanto na Horta aterraram dois.

Estigmas do ex-distrito...

